

A cara do Brasil

Nesta aula

No início da colonização do Brasil, ainda no século XVI, quando começou o cultivo da cana-de-açúcar, a sociedade brasileira foi se formando de maneira muito peculiar.

As relações entre o colonizador branco, o escravo africano e o índio nativo foram condicionadas pelo sistema de produção econômica – a monocultura da cana-de-açúcar – e pela escassez de mulheres brancas. Nesta aula, vamos estudar como ocorreu essa grande mistura.

A integração e a miscigenação raciais

Os portugueses que vieram para o Brasil, inicialmente, não trouxeram suas mulheres e filhas, pois achavam perigoso para elas. Aqui, convivendo durante anos com os indígenas, começaram um primeiro processo de miscigenação. Os mais ricos, e donos de engenhos, após construírem suas casas de fazenda, mandavam vir mulheres de Portugal para com elas se casar.

Com a vinda dos africanos, a miscigenação prosseguiu em ritmo mais acelerado. As restrições morais da religião católica não eram muito obedecidas na distante colônia, e brancos uniam-se com índias e negras sem casamento.

As negras foram as principais companheiras dos brancos no período colonial, pois a sua utilização como escravas domésticas facilitou esse contato. Algumas negras alcançavam a liberdade para si e para seus filhos. Assim, uma camada de mulatos livres foi se formando ao lado dos caboclos.

As mulheres negras tiveram filhos mulatos ou cafuzos, desde que a escravidão africana instalou-se no Brasil.



Um dos mais destacados estudiosos brasileiros, o pernambucano Gilberto Freyre, escreveu no seu famoso livro *Casa-grande & senzala* a seguinte passagem sobre essa questão:

“ Vencedores no sentido militar e técnico sobre as populações indígenas; dominadores absolutos dos negros importados da África para o duro trabalho na bagaceira, os europeus e seus descendentes tiveram, entretanto, que transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais”.

Gilberto Freyre nos fala da **miscigenação**. Para ele, a sociedade patriarcal da colonização portuguesa no Brasil promoveu a mistura de raças e a mistura de cor. Os tipos mais característicos dos mestiços brasileiros são o **mulato**, resultado da mistura entre brancos e negros; o **mameluco**, originado das relações entre brancos e indígenas; e o **cafuso**, fruto da mistura de negros e índios.

□ Miscigenação: cruzamento inter-racial, ou seja, casamento entre pessoas de raças diferentes. Os filhos são mestiços.

O patriarcado

O patriarcado é um tipo de organização social na qual o chefe da família tem poderes absolutos sobre a esposa e os filhos. No Brasil colonial, servos e escravos faziam parte integrante da família, e os filhos do sexo masculino, mesmo casados, continuaram vivendo sob o domínio do patriarca.

As relações entre a casa-grande e a senzala não se definiam apenas pela dominação do branco sobre o negro mas também por um código moral pouco rígido, que acabou por promover a miscigenação no Brasil ou, como no dizer de Gilberto Freyre, a nossa “morenidade”...

O branco português

Os portugueses, por sua localização na península Ibérica, descendem de povos bastantes miscigenados. Sua cultura e seu tipo físico são resultantes de misturas que se deram por milênios. Isso porque a península Ibérica foi invadida e ocupada por muitos povos, como os fenícios, os romanos e os mouros. Assim, a língua portuguesa é uma língua latina porque provém da língua dos romanos, o latim. E há muitas influências mouras na arquitetura, na culinária, na música e até na língua portuguesa.

Mais do que qualquer outro povo, os portugueses tinham uma especial tolerância racial que lhes permitia conviver e miscigenar-se. Talvez por serem tão poucos e pelo fato de seu país ser tão pequeno é que se lançaram para a grande aventura de conquistar e colonizar terras distantes.

Devemos considerar que, quando iniciaram a colonização no Brasil a partir de 1532, os portugueses já haviam tido uma experiência de mais de cem anos na África e na Índia.

A política colonizadora portuguesa chegou até mesmo a incentivar o casamento entre lusos e nativos, conquistadores e conquistados, para constituírem família, um dos pilares da colonização.

Flexibilidade, permeabilidade e adaptabilidade marcaram a aventura colonizadora portuguesa nos trópicos. O mesmo não aconteceu com outros povos que por aqui estiveram.

Hoje, a população brasileira é uma espécie de “amostra” de diferentes tipos raciais, como se revela neste quadro de Tarsila do Amaral.



A colonização portuguesa nos legou um povo mestiço, resultante da assimilação de todas as raças.

O que aconteceu nos Estados Unidos foi muito diferente. Lá também chegaram milhares de indivíduos levados da África para serem escravizados. Ao contrário do colonizador português, porém, os puritanos ingleses não se misturaram, não se miscigenaram com outras etnias, nativas ou africanas. Essa é uma das razões da origem do intenso racismo nos Estados Unidos, cuja segregação só foi abolida legalmente em 1954.

A interpenetração das culturas

Cultura: conjunto dos valores materiais e espirituais criados por um povo: língua, religião, técnicas, experiência de produção e de trabalho, arte e organização familiar e social.

O colonizador branco se apossou das terras e impôs aos habitantes nativos elementos da sua cultura, como a língua, a religião e o modo de produção. Os portugueses usaram sua superioridade tecnológica, como o uso da pólvora e dos metais, para impor também sua maneira de viver e de pensar, como se essa fosse a melhor. No entanto, a cultura portuguesa não resistiu ao contato com as culturas indígenas e africanas sem que também se misturasse, pois, na realidade, as culturas não são superiores umas as outras, são diferentes.

Gilberto Freyre comenta: *“Diz-se que o brasileiro foi colonizado pelo português. Esse conceito é convencional. Contra ele tenho sugerido outro. O negro no Brasil não foi colonizado, foi colonizador”*. Para esse autor, o negro no Brasil teria agido com sutileza e inteligência, suavemente, sem aspereza, para conseguir domínio sobre seus dominadores.

Prova disso é a cozinha brasileira. Resultante de influências européias, africanas e ameríndias, foi misturada pela mão negra, que acabou impondo o seu tempero ao gosto do dominador.

As religiões indígenas e negras não foram exterminadas pelo catolicismo mas fundiram-se, formando diversos tipos de culto, que receberam o nome de **religiões afro-brasileiras**. Nelas, os deuses africanos confundem-se com santos católicos. E isso ficou conhecido como **sincretismo religioso**.

Mesmo a própria língua portuguesa adquiriu palavras e expressões indígenas e africanas, o que resultou num “amaciamento” da língua, tornando-a diferente do áspero português falado em Portugal.

As técnicas portuguesas também foram enriquecidas por conhecimentos e práticas de seus escravos, pois vieram da África técnicos em minas, artífices de ferro, pecuaristas, comerciantes de panos, entre outros.

E a música, então? Ao som dos atabaques e tantãs, surgiu o batuque. Com chocalhos e maracas indígenas, o ritmo ganhou contraponto. Com as violas e cavaquinhos portugueses, temos a melodia e o esplendor da música popular brasileira, com o seu ritmo incomparável e uma diversidade melódica e temática única no mundo.

Tal música corresponde a uma dança cheia de molejo, sensualidade e graça. É assim que o brasileiro dança, com o “balanço” da cor, nos terreiros, nas gafieiras, nos pagodes, oloduns e lambadas, na explosão do carnaval.



É imensa a diversidade de povos africanos e indígenas que se encontraram em terras do Brasil: benguelas, bantos, congos, angolas, monjolos, mandingas, são apenas alguns dos povos africanos representados no Brasil. Além dos brancos portugueses, os franceses e holandeses deixaram um pouco de suas cores no Brasil Colônia ao se miscigenarem no Maranhão e em Pernambuco, respectivamente. No século XIX, também os alemães vieram colorir esse quadro, seguidos de italianos, poloneses e ucranianos. Já no século XX, vamos ter também sírios-libaneses, japoneses, chineses e coreanos misturando-se com as gentes do Brasil.

O tempo
não pára

Relendo o texto

1. Releia **A integração e a miscigenação raciais** e faça um quadro com os mestiços que correspondem aos cruzamentos raciais que ocorreram no Brasil colonial.
2. Releia **O patriarcado** e procure explicar como era esse tipo de organização social.
3. Releia **O branco português** e compare as relações raciais dos colonizadores portugueses com as dos puritanos ingleses da América do Norte.

Exercícios

4. Releia **A interpenetração das culturas** e identifique influências negras e indígenas na cultura brasileira.
5. Dê um novo título a esta aula.

Fazendo a História

1. Leia estes versos em voz alta. Verifique quais as palavras que você conhece e quais as que você usa.

*vatapá, farofa, abaré
acarajé, caruru, angu
mingau, canjica, tutu
feijoada e mocotó.*

*banguela, batuque, banzé
caçula, cochilo, cafuné
macumba, mandinga, ebó
quitute, quindim de iaiá.*

*Tonin, Tetê, Dondon
nenem, sinhá, papá
maíinha, bambanho, mimi
pipi, bumbum, cocô*

Brasil, aprende a ser negro,
música de Milton Nascimento
e Fernando Brandt.

2. Gilberto Freyre escreveu:

“(...) as Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Teresas, Tetés; os Manuéis; Manés; os Franciscos, Chicos, Chiquinhos, Chicós; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das Iaiás, Ioiôs, das Sinhás, das Manus, Calus, Bembéns, Dedés, Marocas, Gegês.”

- a) Faça uma lista de nomes de pessoas que você conhece, com seus apelidos.
- b) Compare sua lista com a lista de seus colegas.
- c) Numa folha grande, desenhe e pinte, como se fosse um cartaz, seu apelido ou o nome pelo qual você gosta de ser chamado. Use sua criatividade. Depois, compare seu trabalho com o dos seus colegas.

